



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



INSTITUCIONALIZAÇÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO CAAPORÃ: EDUCADORA LÚCIA SANTOS DE LIMA(1949-1968)

Marilene Maria Barros da Silva - UFPB

mambarros.silva@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é problematizar a institucionalização escolar, em Caaporã, através das histórias e memórias da educadora Lúcia Santos de Lima, que atua nesta cidade, município do estado da Paraíba (1949/1968). Optamos pelos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, por permitir novos questionamentos ao passado, ampliar a possibilidade de novos objetos e fontes, até mesmo realizar novas releituras de registros oficiais. Neste percurso, utilizamos a metodologia da história oral. Esta educadora estudou o primário e o ginásio em Caaporã e atualmente é gestora da Escola Municipal Severina Helena. Escreveu o livro "A história da cidade Caaporã". O Grupo Escolar Alberto Lundgren, foi o primeiro grupo escolar estadual, em 1949 e o Grupo Escolar Adauto Viana, municipal, foi construído após a emancipação desta cidade. O ensino ginásio foi institucionalizado por iniciativa privada, pela Fundação Padre Ibiapina.

Palavras-chave: Escola. Educadora. Caaporã.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the institutionalization school in Caaporã, through the stories and memories of educator Lucia Santos de Lima, who acts in this city, municipality in the state of Paraíba (1949/1968). We chose the theoretical and methodological assumptions of the New Cultural History, by allowing new questions to the past, enlarge the possibility of new objects and sources, even make new readings of official records. In this way, we use the methodology of oral history. This educator has studied the primary and middle school in Caaporã and currently is manager of Municipal School Severina Helena. He wrote the book "The history of the city Caaporã." The School Group Alberto Lundgren, was the first state school group in 1949 and School Group Adauto Viana, municipal, was built after the emancipation of this city. The junior high school was institutionalized by private initiative, Fundação Padre Ibiapina.

Keywords: School. Educator. Caaporã.

INSTITUCIONALIZAÇÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO CAAPORÃ: EDUCADORA LÚCIA SANTOS DE LIMA (1949-1968)

O interesse por compreender como ocorreu a institucionalização escolar na cidade Caaporã surgiu a partir do momento em que tivemos acesso ao livro *Educação e educadoras na Paraíba do século XX*, organizado pelos professores Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes. A partir da diversidade de leituras encontradas neste livro surgiu nosso interesse em saber como ocorreu a institucionalização de escolas na cidade Caaporã. Desse modo, o nosso objetivo é problematizar o início da institucionalização escolar no município Caaporã/PB, através das histórias e memórias da educadora Lúcia Santos de Lima, que atua nesta cidade, município do estado da Paraíba. (1949-1968).

Para tanto, inicialmente, foi preciso conversar com alguns moradores desta cidade, no intuito em que os mesmos sinalizassem uma educadora que tivesse vivenciado o período de institucionalização escolar em Caaporã. Nesse percurso, ficamos sabendo que a educadora Lúcia Santos, publicou um livro que, em parte, discorre sobre a inserção do ensino nesta cidade. A partir desta informação, localizamos a casa desta educadora para convidá-la a contribuir com suas histórias e memórias para este estudo. Após seu depoimento nos disponibilizou seu livro intitulado: *A história de Caaporã*, publicado em 2003.

Neste artigo, optamos pelos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, por permitir novos questionamentos ao passado e ampliar a possibilidade de novos objetos e novas fontes e até mesmo, realizar novas releituras de registros oficiais.

De acordo com Halbwachs (2006, p.69) no tocante a memória individual e coletiva, pode-se dizer que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes [...]”

Sobre história oral, Delgado (1996, p.16), afirma que é um procedimento metodológico “[...] que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais [...]” Permitindo assim, o registro de depoimentos e o acesso da história dentro da história, auxiliando a ampliação de possibilidades de interpretação do passado. Trazendo à tona, as múltiplas versões de um fato acontecido.

O nosso interesse por este campo de estudo é de contribuir para a história da educação da Paraíba dentro do contexto brasileiro, através da Educadora Lúcia Santos, com suas histórias e memórias sobre a escolarização na história de Caaporã.

Situando a educadora Lúcia Santos de Lima

Lucia Santos é educadora em Caaporã. Nasceu em 13 de agosto de 1952. É natural de Goiana, município de Pernambuco. Casada com Luiz Alves de Lima, teve quatro filhos. É formada em Geografia e exerce a função de Gestora educacional na Escola Municipal Severina Helena.

Conforme entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2010, a educadora mencionou que iniciou sua escolarização em 1961, nesta cidade, no período em que ainda era distrito de Pedras de Fogo. Mencionou que em sua escolarização, inicialmente, estudou com a Carta do ABC e, em 1962, com a Cartilha do Povo, com a professora *Farailde Cordeiro*. A seguir, temos as imagens da Carta do ABC e Cartilha do Povo:

Imagem 1: Cartilha do provó **Imagem 2:** Carta do ABC

Fonte: Memória da educação (2012)

No período compreendido entre 1963 a 1966, informou que passou a estudar nas Escolas Reunidas, localizada no bairro Pindorama, tendo como professora *Maria Rosa Dutra Gondim*. Em 1967 ingressou na Admissão ao Ginásio em uma Escola Particular, tendo como professora "Cleide Alves Bonfim". Em 1968 prestou exame de seleção, no qual foi aprovada e matriculada para o 1º ano ginasial, concluindo o 4º ano ginasial em 1971. No ano seguinte matriculou-se no Curso Pedagógico do Colégio Municipal IV Centenário, em Goiana – PE, formando-se professora no ano de 1974.

De acordo com Dalabrida (2012) a divisão criada pela Reforma Francisco Campos foi reformulada na Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 (Reforma Capanema) ao constituir o ciclo ginasial, de quatro anos, e o ciclo colegial em três anos. Essa divisão que permaneceu no ensino brasileiro até o início da década de 1970, que resultou no 1º grau, a fusão do curso primário com o ciclo ginasial, e o 2º grau, equivalente ao ciclo colegial.

Através do relato desta educadora, percebemos que nesta cidade em 1964, havia o ginasial, mas após a conclusão deste curso, vai para outra cidade, com o intuito de realizar sua formação para o magistério.

Lúcia Santos iniciou sua atuação profissional, como professora de Geografia, em um Colégio de Caaporã, pertencente à Fundação Padre Ibiapina, a partir de 10 de março de 1975, permanecendo até 01 de setembro de 1979.

Em 1976, prestou concurso público, para a Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba e, após sua aprovação se tornou professora polivalente, no Grupo Escolar Alberto Lundgren, em Caaporã PB. Mas, não parou por aí, em 1982, iniciou o curso em Licenciatura Plena em Geografia na Faculdade de Formação de Professores de Goiana, concluindo-o em 1986.

Em 1992, foi aprovada como professora de geografia no concurso público, realizado pela Prefeitura Municipal de Caaporã. Neste mesmo ano foi nomeada como Vice – Diretora da *Escola Municipal Severina Helena dos Santos Veloso*. Em 1993, afastou-se de suas atividades profissionais, para dedicar-se a Especialização em Administração da Educação, ofertada pela Universidade Federal da Paraíba. Retomou suas atividades, nesta escola, em 1995, como diretora, função que desempenha atualmente nesta escola.

Histórias e Memórias de Lúcia Santos de Lima sobre a institucionalização das escolas no município Caaporã/PB

As histórias e memórias da educadora Lúcia Santos trata-se de uma visão particularizada de uma educadora que narra momentos significativos da educação desta cidade. Além de suas narrativas, também podemos contar com o livro publicado por esta educadora, sobre a história da educação de sua cidade, intitulado *A história de Caaporã*, entrecruzando assim, os fios da história revelada em seu livro e suas memórias.

As histórias e memórias da educadora e escritora Lúcia Santos expressadas no livro "A história de Caaporã"

Conforme registros encontrados no livro publicado por Lúcia Santos, Caaporã está localizada no Litoral Sul paraibano, cidade de origem indígena, formada da junção *Caa* que significa Boca e *Porã* que significa Mata, significando *Boca da mata*, denominação que também teve participação da tribo Caetés, por volta do século XVIII.

Boca Da Mata, em 1800, foi um local que pertenceu ao Coronel Miranda e, em 1843, este coronel vende o *Engenho Tabu* para o senhor João Sá, local que servia de passagem para os viajantes com destino às praias de Pitimbu e Acaú. Entre 1917 e 1918, este último dono também vende esta propriedade, passando a ser propriedade do Senhor *Coronel Alberto Lundgren*, que fixa sua residência nesta fazenda, na qual, ainda possuía escravos pertencentes aos seus antigos proprietários. Esses escravos passaram a trabalhar no ofício da palha de cana, na fabricação da cachaça e da rapadura. Estes foram os primeiros produtos que desenvolveram a economia da região, proporcionando assim a construção de muitas moradias de pessoas às margens da estrada. (LIMA, 2003)

Ainda de acordo esta autora, até 1948, Caaporã era distrito de Cruz do Espírito Santo, mas com a emancipação do município Pedras de Fogo, Caaporã passa a ser distrito de esta cidade, conforme a Lei nº 895 de 11 de março de 1953.

Sobre a educação escolar dos moradores deste distrito, entre as décadas de 1930 a 1940, a educadora escreveu que foi desenvolvida informalmente e voluntariamente em residências de pessoas que não eram formadas, mas que detinham certo conhecimento, algo que se resumia ao ensino das letras e das quatro operações. A educadora também escreveu que o objetivo destas iniciativas escolares, era apenas tornar as pessoas aptas para votar nas eleições, não tinha a perspectiva de tirar a população em geral de sua ignorância, o interesse era puramente político.

Vidal e Filho (2005) ressaltam que o interesse, neste período, era ensinar as letras e as quatro operações. Isso acontecia geralmente em locais cedidos e organizados por pais de jovens, dos quais, os professores deveriam ensinar. O pagamento destes professores era de responsabilidade do chefe da família ou da pessoa a quem os contratava. Esse era um tipo de preocupação que surgia, em particular, em maioria, por famílias de poder alto aquisitivo e que se preocupava em educar seus filhos, algo que poderia abranger os moradores circunvizinhos.

Ainda de acordo com Lima (2003), em 1943 a professora *Etelvina Mariano de Oliveira* surge como a primeira professora contratada pelo estado da Paraíba, para lecionar neste município, do 1º ao 4º ano primário. A escola funcionava a princípio, em uma Igreja (Atual capela de São Sebastião) construída de taipa pelos moradores e atendia alunos pela manhã e tarde, à noite, eram realizados cultos religiosos. Esta escola funcionou desta forma, por mais dois anos.

Só em 1950 surge a primeira tentativa de organização escolar, denominada de *Escolas Reunidas de Caaporã*. Este modelo de escola constituía-se de vários imóveis, onde a dona de casa se propunha a ensinar nas vilas em que moravam. Pela atividade desenvolvida recebiam uma ajuda de custo do município de *Cruz do Espírito Santo*, e em seguida, com o município de Pedra de Fogo, após sua emancipação.

Lima (2003, p.75) destaca a denominação das casas-escolas existentes neste município: *Escola de Catolé*, *Escola de Tabu* e *Escola de Barreiras Grandes*. Estes eram nomes, que surgiam conforme a referência da vila, na qual, estava localizada, nas quais havia grade número de moradores. A apropriação do saber se dava pela aprendizagem através do livro, e a disciplina era fundamental neste período, assim como:

[...] livro adotado para cada ano, correspondente ao nível de ensino. [...] Havia normas rígidas e disciplinares, como exemplo: a saída e entrada do aluno em sala de aula, que era controlado por uma pedra 'seixo'. O aluno ao se afastar para uma necessidade levava a pedra que ficava depositada na banca da professora e ao voltar a devolvia. Era utilizado também o castigo de joelhos em cima de caroços de milho. Durante o tempo determinado pela professora. Isto em decorrência de ter feito alguma coisa errada segundo o seu entendimento, que ia desde errar a lição, tarefa passada pela professora, até a indisciplina transparente no comportamento dos alunos, como por exemplo: conversas em classe durante a aula.

Nesse espaço educativo, retratado por Lúcia Santos, percebe-se que a pedra seixo, era uma forma de controle na sala e os castigos aconteciam como forma de manter a disciplina em sala de aula.

De acordo com Foucault (1987), o sucesso da escola reside na capacidade de ser uma instituição normativa e controladora do comportamento, estabelecendo, para os comportamentos desviantes da norma, o castigo disciplinar como corretivo.

A educadora em seu livro narra que, em 1949, surge em Caaporã a primeira Instituição Estadual com prédio próprio, denominada *Grupo Escolar Alberto Lundgren*, que atendia o ensino primário (a escola foi construída com apenas uma sala de aula, porém não atendia a demanda de crianças existentes, continuando com a proposta de Escolas Reunidas de Caaporã). Também registra que o homenageado desta escola, foi o latifundiário da *Fazenda Tabu*, que contribuiu para a construção desta escola.

A entrevista com a Educadora Lúcia Santos...

Ao entrevistar a educadora Lúcia Santos, a mesma, faz questão em iniciar o seu depoimento explicando o seu conhecimento sobre a nomenclatura da cidade. Acreditamos que este depoimento foi revelado pela educadora por compreender o quanto esta história é importante para se perceber como a educação foi institucionalizada, repetindo o que já havia escrito em seu livro:

Quando eu comecei a morar aqui era 'Boca da Mata' Caa – Boca e Porã-Mata, palavra indígena. A palavra Boca da Mata é o homem roceiro. Chamava-se Boca da Mata, por que até hoje a gente tem lá aquele restinho de mata (vai para Tabu) e era total, era Caaporã todo, do começo da rua até o final. A rua principal era justamente o caminho, onde os viajantes passavam com destino a Pitimbu e a Acaú, era só aquele caminho e o resto era tudo mata de um lado e mata do outro. (Lúcia, entrevista realizada em 27/08/2010).

Neste depoimento, percebe-se que Caaporã começou a se estruturar como uma espécie de vilarejo, local de passagem obrigatória para se chegar a outros municípios já estruturados e isto gerava interesses políticos e comerciais para a manutenção dos moradores existentes.

A respeito das escolas, destaca:

Não tinha escola assim, prédio exclusivo da escola. As professoras daquela época, cada uma ensinava nas suas casas. Na casa da própria professora, a minha era lá em Pindorama, era Maria Rosa Dutra Gondim, [...]. Estudei de 1º a 4º série com ela. Cada uma ensinava nas suas casas, mas eu não sei como elas recebiam, porque de graça não era e a gente não pagava nada por essa escola, eu acho que elas recebiam, porque Caaporã na época pertencia a Pedra de fogo. (Entrevista com Lúcia realizada em 27/08/ 2010).

No decorrer da entrevista, Lúcia Santos explica que os professores, eram nomeados ou reconhecidos por algum político de influência, e por saberem instruir recebiam, alguma ajuda de custo.

Segundo Barbanti (1977), os professores geralmente eram reconhecidos ou nomeados pelos órgãos de governos responsáveis pelo ensino. Não havia locais específicos para as escolas, na maioria das vezes, funcionavam em espaços improvisados, a exemplo de igrejas, sacristias, dependências das câmaras municipais, salas em lojas maçônicas, prédios comerciais ou na residência dos mestres. Esta seria uma forma econômica de garantir a população, pelo menos que aprendessem a ler, escrever e contar.

Lúcia Santos explicou que a primeira escola municipal, com prédio próprio em Caaporã, só aconteceu após a emancipação desta cidade, em 1864, por iniciativa do primeiro prefeito *Francisco Veloso de Assis*, que a construiu, com recursos da prefeitura. O Grupo Escolar Alberto Lundgren foi erguido em um terreno público, que já foi o antigo cemitério municipal.

A educadora Lúcia Santos explicou que doação do terreno para a construção da escola, a priori, apresenta-se como uma ideia nascida e protestada pelo povo, mas na visão da educadora, isso só aconteceu por interesses políticos por esta cidade. Fundar uma escola, neste contexto, seria apenas um dos determinantes para a emancipação desta cidade, e não com o propósito de elevar a educação da população caaporense. A educadora justifica que esta nova unidade escolar, na cidade, não garantia a continuidade dos estudos da população.

A imagem ao lado é do vice-prefeito de Cruz do Espírito Santo.

Imagem 3: Adauto Viana

Fonte: LIMA (2003)

No decorrer da entrevista, Lúcia Santos mencionou que o Grupo Escolar Adauto Viana foi fundado em 1968. Explica que recebeu esta nomenclatura em homenagem a um vice-prefeito da cidade de Pedras de Fogo, natural de Caaporã e que se deu por seu esforço em lutar para que a cidade fosse emancipada.

Nesta ocasião vários distritos do Estado estavam em processo de emancipação e Caaporã poderia ser incluído, segundo entendimento do Sr. Horácio. Ao falar com Renato Ribeiro Coutinho, obteve deste político a negativa do processo de encaminhamento da emancipação, alegando ser Caaporã um lugar muito pequeno e que não tinha ainda condições de ser uma cidade. Uma das argumentações que o Sr. Horácio usava era de que Alhandra e Pitimbu já eram cidades, com as mesmas condições econômicas, sociais e políticas. Horácio não desistiu de sua ideia. Procurou, então, entrar em contato com o Deputado João Batista Lima Brandão. Encontrando-o logo depois na Praça Pedro Américo, em João Pessoa, ao falar-lhe sobre o projeto de emancipação de Caaporã, o Deputado realizou anotações em um pequeno pedaço de papel que retirou do seu bolso. Horácio ficou naquele momento incrédulo diante das promessas do deputado, pois achou que o mesmo não deu a importância devida ao assunto. Mas, para sua surpresa, o projeto de emancipação do município de Caaporã foi aprovado, dando origem à Lei nº 3.120, de 27 de dezembro de 1963, publicada no Diário Oficial do estado de 12 de janeiro de 1964.

Através da narrativa desta educadora, não conseguimos precisar a data de fundação do citado grupo escolar, apenas podemos compreender que o mesmo estava se consolidando no período compreendido entre 1964 a 1968. Desde já, salientamos que perguntamos a educadora sobre a localização desta unidade escolar, com a intencionalidade de conferir a placa de fundação da mesma, (infelizmente não existe nenhuma placa do local, o prédio ainda existe, as aulas inicialmente eram dadas dentro da Igreja de São Sebastião durante o dia, porém já existia sim o Grupo Escolar Alberto Lundgren, mas não atendia a população, principalmente os dos bairros já citados.)

Conforme Pinheiro (2002, p.139 apud Amanach do Estado da Parahyba, 1912, p.645):

Ao contrário do que ocorreu com as cadeiras isoladas, o processo de expansão dos grupos escolares apresentou um crescimento permanente. No período que se estendeu de 1916 a 1929, foram criados 14 grupos escolares no estado da

Parahyba do Norte, cinco dos quais localizadas na capital e os demais, nas maiores cidades do interior, seguindo a norma inscrita na lei n. 360, de 14 de outubro de 1911, cujo artigo 9º estabelecia que os grupos escolares deveriam ser construídos, preferencialmente, nas sedes de municípios, especialmente aqueles em que as prefeituras se dispusessem a construir os prédios e a fornecer material escolar.

Frente a essas definições, pode-se perceber que nas primeiras décadas do século XX, já haviam 14 grupos escolares instalados nas cidades paraibanas. Acontecimento que só foi possível mediante as prefeituras que se dispuseram a bancar a construção de suas instalações e fornecer o material escolar.

Vale salientar, que em Caaporã, não podemos dizer que a institucionalização do primeiro grupo escolar aconteceu de forma tardia, pois esta cidade, por muito tempo foi apenas um ponto de parada, para se chegar a algumas praias paraibanas. Foi distrito de Cruz do Espírito Santos e posteriormente de Pedras de fogo. A construção do primeiro grupo escolar municipal, contemplando os critérios descritos acima, de acordo com Lúcia Lima, só aconteceu a partir do momento em que alguns políticos focaram a emancipação de Caaporã.

A educadora informou que, quando cursou o primário em Caaporã PB, o município não ofertava o que hoje corresponde ao "Ensino Médio":

Eu já o fiz em Goiana, que foi o Pedagógico no IV Centenário. Depois eu passei um tempão sem estudar. Aqui não tinha, (O ensino secundário) aqui só tinha até a 8ª série (Equivalente ao quarto ano ginasial). Fiz o segundo grau, que na época era o pedagógico em Goiana. Depois fiz faculdade, depois fiz Especialização em Administração Escolar na UFPB.

No início da escolarização de Lúcia Santos, percebe-se que desejo em dar continuidade aos seus estudos, partia dela, e para que tal desejo se realizasse, não podia contar com a estrutura escolar da cidade onde residia.

O Grupo Escolar Adauto Viana foi construído com apenas três salas de aulas. Mas o número de alunos foi crescendo, e partir daí houve a necessidade de ampliar o prédio, sendo construídas mais duas salas de aulas, atendendo aos alunos do Jardim Infância até o último ano primário. (LIMA, 2003)

Como a demanda de alunos deste município continuou aumentando e o município só atendia o ensino primário, foram construídas mais sete salas de aulas neste espaço. Essa nova construção ficou sob os cuidados da Fundação Padre Ibiapina, com o intuito de atender o Ensino Ginasial. Merece destacar que esta nova unidade escolar era confessional e particular.

Ainda no que se refere à institucionalização da educação em Caaporã/PB a depoente Lúcia salienta a sua experiência, agora como docente formada, na mesma escola, mas em tempos e espaços diferenciados:

Eu comecei no Adauto quando o colégio era particular. Era Colégio Comercial de Caaporã, ele pertencia a Fundação Padre Ibiapina, era uma fundação/entidade filantrópica de João Pessoa. Então eu comecei ensinando lá em 1975, mas o colégio não pertencia à prefeitura, era um colégio particular, os alunos pagavam o colégio para poder pagar os professores.

A educadora Lúcia afirmou que trabalhou nesta instituição, com carteira assinada, por 15 anos e só após esse tempo, foi que a prefeitura passou a tomar conta do prédio desta escola. Sobre sua aposentadoria,

relata que:

Trabalhei 15 anos de carteira assinada. Depois passei para a prefeitura, eu ainda trabalhei pela prefeitura, dois ou três anos. Aí fiz o Concurso da prefeitura em 1992, para geografia, aí foi quando eu fiquei como professora com portaria da prefeitura e quando eu me aposentei, e só me aposentei pela prefeitura, porque eu tinha esse tempo que trabalhei no colégio (particular), porque se fosse só pela prefeitura eu não tinha me aposentado. (Lúcia, 27/08/ 2010)

No período de consolidação desta escola na cidade, o Brasil enfrentava o Golpe militar, consumado em 1 de abril de 1964, onde todo o ensino no país foi reorientado, implicando mudanças na legislação Educacional, ajustando-as a organização do ensino a novas situações.

Considerações finais

Diante do exposto, informo que não foi pretensão deste artigo, esgotar todo o processo de institucionalização escolar da cidade em questão.

Na condição de educadora e escritora do livro A história de Caaporã, contribuiu neste artigo para revelar como foi institucionalizada a educação escolar neste município, trazendo à tona, questões sobre a cidade, que abrangeu desde a composição do nome dos proprietários da fazenda que deu origem a esta cidade, até a institucionalização escolar.

Dessa forma, foi revelado que Boca da mata, foi uma fazenda muito grande, na qual, possuía uma estrada que dava acesso a algumas praias paraibanas. Com o tempo, na beira desta estrada se formou um vilarejo, que se tornou distrito de Cruz do Espírito Santo e posteriormente de Pedras de fogo, até emancipar-se em 1964.

A educadora nos informou que a educação, nesta cidade, começou por iniciativa de pais de família, na qual contratavam pessoas com um nível maior de instrução, para alfabetizar e ensinar as quatro operações aos seus filhos e amigos das casas circunvizinhas.

Informou que em 1949, esta cidade pode desfrutar do primeiro Grupo Escolar Alberto Lundgren, estadual e que ofertava o ensino primário. Esta unidade escolar foi construída por iniciativa do fazendeiro Alberto Lundgren. Também mencionou que em 1964 a cidade Caaporã emancipa-se de Pedras de fogo e no período compreendido entre 1964 e 1968, consolida-se em sua cidade, a educação municipal, em prédio escolar próprio, o Grupo Escolar Adauto Viana, que foi construído com recursos da prefeitura, em um terreno, que já foi o cemitério da cidade.

Esse grupo escolar foi por muito tempo objeto de desejo da população de Caaporã, mas a educadora Lúcia Santos, narrou que este anseio só se efetivou, pela motivação de políticos pela emancipação desta cidade e afirma que, os mesmos, não deram continuidade com o ensino ginásial e muito menos o curso que preparava para magistério. A educadora afirmou que não conseguiu cursar o ginásial em sua cidade. Optou pelo curso que preparava para o magistério, tendo que estudar na cidade vizinha. Após a sua formação, trabalhou com a educação primária e seu município e decidiu retomar seus estudos, agora com a formação superior em Geografia. Desse modo, esta educadora também teve a oportunidade de lecionar geografia em sua cidade. Lúcia Santos, atualmente é gestora da Escola Municipal Severina Helena. Informou que só conseguiu se aposentar, graças aos 15 anos de atuação da Fundação Padre Ibiapina. Escola esta, particular e confessional, que chegou à cidade, com o intuito de dar conta da demanda de alunos requeria o ensino ginásial, mas como se tratava de uma escola particular, esta iniciativa mais uma vez, não dava conta dos interesses desta população em ter educação pública e gratuita para todos.

Referências

BARBANTI, Maria Lúcia SpedoHilsdorf. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. São Paulo, FEUSP, dissertação de mestrado. (1977)

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 32.ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, Lúcia Santos de. *A história de Caaporã/PB*. Sem editora, 2003.

MACHADO, Charliton José dos Santos & NUNES, Maria Lúcia da Silva Nunes. *Educação e educadoras do século XX: práticas, leituras e representações*. Editora Universitária da UFPB, 2009. Vol.I

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

VIDAL, Diana Gonçalves e FILHO, Luciano Mendes de Faria. *As lentes da história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Entrevistas:

LIMA, Lúcia Santos de. Entrevista realizada: 27/10/2010.

Sites:

DALLABRIDA, Norberto. *A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/5520/4015> Acesso em: 18 de novembro de 2011.

Memória da Educação. Arquivo público do estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/> Acesso em: 10 de dezembro de 2012.